

# A P R E S E N T A Ç Ã O

Talvez um dos mais difíceis limiares a ser transposto pelo público, superando as bibliotecas e museus, os arquivos atendem a um amplo arco de usuários, alguns muito tradicionais, como os historiadores, genealogistas, e ainda aqueles que procuram a comprovação de seus direitos. Também frequentam suas salas e portais os chamados produtores culturais, interessados em registros para filmes, exposições, peças publicitárias.

Mas além de propiciar o acesso à informação, aos arquivos cabe a disseminação e, essencialmente, a difusão de seu acervo, o que significa gerar conhecimento por meio de publicações, filmes, vídeos, exposições, sítios *web* e, ainda, ações educativas, por muito tempo, a única atividade admitida nesse sentido, o que ainda é verdade para alguns.

Observa-se que a difusão cultural não encontra ainda um sentido consensual, tendo maior ou menor alcance nas instituições arquivísticas no país ou no exterior, não sendo também homogêneo o perfil dos profissionais nela envolvidos. De qualquer modo, é do interior dos arquivos, em suas áreas

de pesquisa histórica, que emergem esses produtos, convidando ao conhecimento de fundos e coleções por meio das curadorias, edições, artigos, práticas pedagógicas.

No século XIX os arquivos e a escrita da história estiveram intimamente relacionados, levando a uma historiografia feita essencialmente com documentos textuais e a uma arquivologia submetida aos temas históricos. As rupturas assistidas nos dois campos do conhecimento não afastaram historiadores e cientistas sociais dos acervos arquivísticos, ao passo em que outras disciplinas viriam “contaminar” a história.

Buscando apontar os diferentes caminhos traçados pelos arquivos na direção de uma efetiva difusão cultural, o presente dossiê é aberto pela entrevista de Ruth Roberts, do National Archives do Reino Unido. Roberts comenta a diversidade das atividades lá desenvolvidas e como elas se relacionam com o seu público. Destaca a participação do National Archives em comitês externos, a interlocução com as universidades, a organização de exposições, conferências e seminários, a manutenção de *blogs* e informativos eletrônicos.

Segue-se o artigo de Krzysztof Pomian, conhecido pelos seus estudos acerca do colecionismo na época moderna e pelo capítulo “arquivos” na obra célebre de Pierre Nora, *Les lieux de mémoire*. Nesse texto, em que parte do século XIX, Pomian privilegia o marco da *École des Annales*, seguindo um vetor que se distancia da hegemonia do documento escrito para uma determinada escrita da história e que amplia fontes e leituras, até a eclosão da história oral e visual, na perspectiva, ainda, dos “arquivos provocados”, da geração de fontes por parte de pesquisadores e do reconhecimento do tempo presente, da subjetividade e outros fatores.

O envolvimento do público em projetos de “história oral” é abordado por Rosimere Cabral, que explora uma função menos reconhecida dos arquivos, vista em sua matriz social. Além de revisitar autores, ela recupera as experiências francesa e portuguesa, propondo uma ação cultural que respeite a especificidade das instituições, atuando no ensino, estabelecendo novas fontes por indivíduos ativos e participantes dos projetos. A ação cultural é vista assim como tarefa dos arquivos, como afirmam Andresa Cristina Oliver Barbosa e Haike Roselane Kleber da Silva, do Arquivo Público do Estado de São Paulo, para as quais “a difusão deve ser colocada entre as prioridades, uma vez que é através dela que o patrimônio documental se dá a conhecer à sociedade”.

Raphael R. Ribeiro e Michelle Márcia C. Torre, por sua vez, sinalizam a necessidade de se tratar a difusão cultural como uma categoria que engloba múltiplas ações que garantam a comunicação entre os arquivos e seus públicos. Os autores enfatizam a presença de historiadores na equipe do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, o que aproximou os projetos de ação educativa e as proposições da história como disciplina acadêmica.

As iniciativas francesas no campo da difusão cultural em arquivos encerram este dossiê. Em seu texto, Annick Pegeon, responsável pelo Serviço Educativo dos Archives nationales, aborda as primeiras ações nessa área, ainda nos anos de 1950, com oficinas e visitas pedagógicas, até práticas mais recentes, incluindo a criação da disciplina “Arquivo”, com o objetivo de familiarizar jovens estudantes com o trabalho do historiador e a análise e crítica das fontes.

A publicação deste dossiê da revista *Acervo* reforça o sentido dos arquivos – afinal, mais que um lugar de memória, são um lugar de história –, iluminando o fato de que as atividades de difusão de modo geral, longe de serem ações esporádicas, constituem formas potentes de reflexão, expressando uma vertente cada vez menos estranha a instituições dessa natureza.

**Claudia Beatriz Heynemann**  
**Maria do Carmo T. Rainho**